

Reflexões preliminares sobre a Tipografia d'O Gráfico Amador na Escola de Belas Artes de Pernambuco

Preliminary reflections about the typography of O Gráfico Amador in the Pernambuco School of Fine Arts

Isabella Ribeiro Aragão, Kelvyn N. da Silva

tipografia, artes gráficas, design gráfico, O Gráfico Amador, Escola de Belas Artes de Pernambuco

Fundado em 1954 no Recife por um grupo de escritores e intelectuais, O Gráfico Amador foi uma oficina de impressão improvisada que se dedicou a editar livros e demais impressos (como volantes, boletins e programações de teatro) de forma cuidadosa e com qualidade gráfica apurada para as capacidades de uma pequena oficina à época. Parte do equipamento tipográfico conservado do grupo, impressoras tipográficas e tipos móveis, está atualmente sob os cuidados do Laboratório de Práticas Gráficas do Departamento de Design do Centro de Artes e Comunicação (CAC) da UFPE, possuindo importância didática e experimental para os alunos da universidade. Apesar disso, existe uma escassez de informações quanto à utilização dos equipamentos remanescentes d'O Gráfico desde a sua doação à Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP), em 1962, instituição posteriormente anexada à UFPE, até os dias atuais. Portanto, este artigo aborda reflexões iniciais tanto da doação quanto do uso da Tipografia nos primeiros anos da EBAP sob o comando de Gastão de Holanda, investigação histórica realizada por meio de pesquisa documental em arquivo e entrevista.

typography, graphic arts, graphic design, O Gráfico Amador, Escola de Belas Artes de Pernambuco

Founded in 1954 in Recife by a group of writers and intellectuals, O Grafico Amador was an improvised printing workshop dedicated to editing books and other printed matter (such as flyers, bulletins and theater schedules) in a careful manner and with accurate graphic quality to the capabilities of a small print workshop at the time. Part of the typographic equipment preserved by the group, letterpress printers and lead types, is currently under the care of the Laboratory of Graphic Practices of the Design Department of the Center for Arts and Communication (CAC) of UFPE, having didactic and experimental importance for the university students. Despite this, there is a scarcity of information regarding the use of equipment reminiscent of the amateur typographers since its donation to the Pernambuco School of Fine Arts (EBAP), in 1962, an institution later attached to UFPE, until the present day. Therefore, this paper addresses initial reflections on both the donation and the use of the printing workshop in the early years of EBAP under the command of Gastão de Holanda, a historical investigation carried out through documentary research in archive and interview.

Anais do 11º CIDI e 11º CONGIC

Ricardo Cunha Lima, Guilherme Ranoya, Fátima Finizola,
Rosângela Vieira de Souza (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI

Caruaru | Brasil | 2023

ISBN

Proceedings of the 11th CIDI and 11th CONGIC

Ricardo Cunha Lima, Guilherme Ranoya, Fátima Finizola,
Rosângela Vieira de Souza (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI

Caruaru | Brazil | 2023

ISBN

1 Introdução

Em pleno desenvolvimento desde o advento tipográfico de Johannes Gutenberg no século XV – e, aqui no Brasil, a partir da chegada da família real portuguesa e instauração da Imprensa Régia no início do século XIX –, a produção impressa de livros não angariou, até pelo menos meados do século XX, espaço no cotidiano produtivo da população pernambucana – excetuando-se algumas poucas impressoras particulares, como explica Lima (2014):

Nesse tempo não havia editoras em Pernambuco. Quem quisesse publicar um livro teria não apenas que contatar uma gráfica, mas também se envolver em todos os passos relativos à distribuição dos exemplares. A alternativa era procurar uma editora no Rio de Janeiro ou em São Paulo, algo que só poderia ser feito se o autor já fosse conhecido pelo público (...). (Lima, 2014, p. 55):

Esse contexto não foi impeditivo para que João Cabral de Melo Neto, Vicente do Rêgo Monteiro e José Maria de Albuquerque Melo, na primeira metade do século XX, tenham se enveredado no ofício tipográfico para publicar livros artesanalmente no Estado. Tais figuras foram considerados por Gastão de Holanda (apud Creni, 2013), Lima (2014) e Teixeira (2016) como precursores d'O Gráfico Amador, uma oficina tipográfica improvisada criada por escritores e intelectuais pernambucanos em 1954, surgida com base na atuação desses entes e também nas novas dinâmicas de produção tipográfica e de design que se estabeleceram a partir de movimentos artísticos e culturais do século XX. Em seu curto período de funcionamento, que durou até 1961, O Gráfico editou 27 livros, três volantes, dois boletins, um programa de teatro e vários impressos efêmeros (Lima, 2014). Apesar de seu tempo de funcionamento e da breve lista de produções, a contribuição da oficina para o design gráfico no contexto pernambucano e nacional é incomensurável, com seus membros proeminentes como Aloísio Magalhães, Gastão de Holanda, Orlando da Costa Ferreira e José Laurenio de Melo exercendo, nos anos seguintes à dissolução da oficina, grande relevância em diversas áreas do conhecimento. A contribuição d'O Gráfico Amador, especialmente, no âmbito da produção tipográfica impressa, é melhor sumarizada por Lima (2014) quando ele explana que:

(...) O Gráfico Amador desejava divulgar a produção literária de seus associados por meio de livros experimentais. Os seus participantes puseram à prova técnicas e influências ao projetar e imprimir seus livros. Essa característica encontra paralelo em outras áreas da cultura brasileira, em que se pode verificar forte tendência a sintetizar ideias de origens diferentes. (...) Em termos de projeto gráfico, a produção de O Gráfico Amador refletiu essa tendência – eis a contribuição eclética feita por esse núcleo de artistas e intelectuais recifenses no momento preciso em que o Brasil fazia um salto qualitativo em direção ao mundo moderno. (Lima, 2014, p. 81)

Teixeira (2016) amplia a importância do grupo para além das questões editoriais ao assinalar que os encontros na casa da Rua Amélia, 415, no Recife, eram vetores dos artistas e intelectuais residentes e de passagem pelo Recife – em depoimento a Creni (2013), Gastão comenta, por exemplo, a presença do diretor italiano Roberto Rossellini no espaço de reuniões do grupo –, levando a um círculo amplo de relações que reverberaram os debates e os livros para círculos culturais relevantes da cidade e de outras localidades.

Após a dissolução do grupo, todo o material tipográfico d'O Gráfico Amador foi doado para a Escola de Belas Artes de Pernambuco (Lima, 2014), sendo utilizado como aparato didático na instituição, que foi posteriormente englobada pela Universidade Federal de Pernambuco, dando

início ao Centro de Artes e Comunicação – onde funciona o Laboratório de Práticas Gráficas (LPG) do Departamento de Design, que detém de parte relevante do material conservado d'O Gráfico até os dias atuais. Entretanto, há uma escassez de informações detalhadas sobre essa trajetória do material no âmbito universitário desde a doação para a EBAP. Questões como o recebimento da doação pela Escola, sua aplicação inicial e sua utilização durante as décadas que antecederam e sucederam a consolidação do Centro de Artes e Comunicação da UFPE seguem pouco esclarecidas e ajudam a consolidar a importância dessa pesquisa, que se propõe a fazer um estudo inicial sobre o longo panorama do material d'O Gráfico na UFPE, focando especificamente no período em que ele chegou à EBAP.

Esta pesquisa histórica iniciou com uma revisão bibliográfica sobre tipografia, com ênfase no advento dos tipos móveis e uso até os dias atuais, além da produção existente sobre O Gráfico Amador, etapa essencial para alicerçar o tema do estudo. Posteriormente realizamos a fase de coleta de dados focada nos primeiros anos após 1962, data da doação, com uma pesquisa documental que se debruçou sobre o arquivo da EBAP existente no Memorial Denis Bernardes da Biblioteca Central da UFPE e também sobre o acervo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, em especial, do *Diário de Pernambuco*; assim como entrevista com a ex-aluna e estagiária de Gastão de Holanda, Neide Câmara, e depoimento de Cecília Jucá, também ex-aluna do curso e co-fundadora do escritório de design Mini Graf, cedido para Contreiras (2019). Os resultados apresentados aqui, que versam sobre o início da atuação de Gastão na escola, a doação do material tipográfico d'O Gráfico e o curso livre de Artes Gráficas da EBAP, são as primeiras impressões sobre um tema certamente amplo e que pretendemos continuar.

Por fim, vale ressaltar o interesse, ligação com a temática e, principalmente, com a Tipografia estudada, por parte dos autores deste artigo – respectivamente, professora do curso de Design e vice-coordenadora do LPG que trabalha com o material d'O Gráfico Amador há 18 anos, e aluno da graduação. Encontrar vestígios do início do curso ao qual estamos vinculados no Memorial Denis Bernardes em conjunto com o bibliotecário Tony Macedo foi muitas vezes uma experiência que julgamos emocionante, deixando-nos atentos aos perigos da identificação (Farge, 2002). Na nossa última visita fomos, inclusive, encaminhados a fazer a solicitação de pesquisa do material com os bibliotecários ao invés de pegar os documentos diretamente nas estantes como já havia acontecido, dado o entusiasmo que tivemos ao lidar com o material durante nossa visita anterior. Como o arquivo da EBAP é bem extenso¹, e não necessariamente o conteúdo é condizente com a descrição instituída na Escola, esse entusiasmo está sendo determinante no contexto das frustrações e ausências até agora vivenciadas.

¹ Para se ter uma ideia da dimensão do arquivo, o MDB formatou uma listagem no Excel com mais de 800 entradas.

2 Gastão de Holanda e a Escola de Belas Artes de Pernambuco

Dentre os principais nomes d'O Gráfico Amador, o que desempenha maior importância para o entendimento sobre o material da oficina na EBAP (e posteriormente na UFPE) é Gastão de Holanda². Nascido em 11 de fevereiro de 1919, Gastão é creditado como um dos pioneiros do design gráfico brasileiro e a primeira pessoa a ter um escritório, junto com sua companheira Cecília Jucá, dedicado à atividade em Pernambuco, a Mini Graf, fundada em 1968 (Aroucha, 1998; Contreiras, 2019).

Com formação em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, ele ajudou a fundar o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP), grupo teatral composto por estudantes deste mesmo curso e que teve suma importância na vida cultural da cidade após a segunda guerra mundial. É a partir da atuação no TEP que Gastão de Holanda inicia sua incursão na produção editorial, já que o grupo editou e publicou três livros, sendo um deles *Zona de Silêncio*, coleção de contos de autoria do próprio Gastão. Tal experiência serviria como molde para a constituição e funcionamento d'O Gráfico Amador, onde Gastão foi um dos *mãos-sujas*, ou seja, um integrante que atuava diretamente no processo de produção dos impressos. (Lima, 2014)

Concomitantemente, há a consolidação da Escola de Belas Artes de Pernambuco enquanto instituição de ensino superior. Fundada em 1932 por um grupo de (também) intelectuais que objetivavam a manutenção no estado de uma escola de excelência em ensino artístico seguindo as orientações da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, conforme elucidou Ferreira (2015), a instituição passou a integrar a Universidade do Recife (futura UFPE) a partir de 1946.

A conexão de Gastão com a EBAP forma um ponto-chave para a elucidação do tema desta pesquisa. Sabia-se que ele havia lecionado na Escola até os seus últimos anos no Recife – de onde se despediu em 1972 para fixar morada no Rio de Janeiro até sua morte em 1997 –, mas seu histórico na instituição permanecia sem muitos detalhes além de que fora professor de História do Teatro Brasileiro³ (Cepe, 2023) e que ministrou o curso livre de Artes Gráficas (Lima, 2014). Um currículo de Gastão datilografado na papelaria oficial da Escola de Belas Artes da UFPE, de data posterior a 1967⁴, elucida a sua entrada na EBAP em 27 de abril de 1959 (data de exercício) como professor catedrático padrão O no modo contratado e uma alteração de função a partir do dia 5 de janeiro de 1961 (data de exercício) para cargo “isolado”, professor padrão M, sendo estes exercidos, até onde sabemos, na disciplina de

² É possível que Aloísio também tenha influenciado a transferência, apesar de não mais residir em Recife na época, posto que também lecionou no curso de Teatro da EBAP, encontramos uma referência ao seu afastamento da disciplina de Cenografia na ata da sessão de Congregação de 8 de maio de 1960, localizado na caixa 4 (Relatórios - Atividades da Escola de Belas Artes 1959 a 1961 - 1953 a 1958, Atividades Fac. Arquitetura 1959, Assembléia Geral Universitária 1959).

³ A ata de Congregação de 22 de abril de 1959 (Estante 2 - Livro 189 - Atas de congregação dos anos de 1954 até 1960, p.85-86) informa que a denominação passará a ser *História do Teatro Brasileiro e Português* de acordo com resolução estabelecida no Congresso do Ensino de Teatro.

⁴ Inferência realizada por meio do cabeçalho que apresenta a denominação atual da UFPE, instituído neste ano.

História do Teatro Português e Brasileiro⁵. A contratação de Gastão ocorreu após a aprovação de seu nome por unanimidade pelos professores presentes na sessão de Congregação da Escola⁶, 5 dias antes da data de sua entrada, após a consulta de outros nomes; o ato ocorreu com a leitura de seu currículo, que apresentava trabalhos e estudos feitos na Sorbonne. Curiosamente, talvez, Gastão não tenha tomado posse⁷ assim como vários outros professores, visto que esta data está em branco e seu ingresso foi expedido pelo reitor Joaquim Inácio de Almeida Amazonas.

A atuação de Gastão na então Universidade do Recife ultrapassou os limites da EBAP. A vinculação dele inicialmente apenas com o curso de Teatro na Escola parecia não ser condizente com sua vertente *gráfica amadora*, posto que Aragão (2010) comenta sobre a sua participação na condução do Boletim Informativo da instituição, e Fernandes (2019) aponta o envolvimento de Gastão com trabalhos na Imprensa Universitária do Recife (IUR), atual Editora UFPE, ambos em 1959. Neste mesmo ano, O Gráfico Amador publica, em conjunto com os Amigos da D.P.H.A.N., *Azulejos holandeses no Convento de Santo Antônio do Recife, de João M. dos Santos Simões*, o terceiro número dos *Cadernos de Arte do Nordeste*, com composição mecânica da IUR, conforme noticiaram Lima (2014) e Fernandes (2019). Este último pesquisador, que estudou a IUR entre 1955 e 1972, amplia a discussão da relação entre as tipografias d'O Gráfico e da Imprensa Universitária – relação essa evidenciada por Aragão (2010), ao comentar que o funcionário Antônio José do Monte, conhecido como Professor, “prestou serviços como compositor e impressor à oficina d'O Gráfico Amador após o expediente na Imprensa Universitária, muito provavelmente levado por Gastão de Holanda, que mantinha boa relação com o órgão” (Fernandes, 2019, p.52). Gastão também foi determinante no planejamento e futura criação do conselho editorial da IUR: em 14 de maio de 1962, o reitor em exercício encaminha para a EBAP uma cópia da portaria que designa Gastão a estabelecer uma comissão para criar “um plano de organização editorial”⁸ com fins de regulamentar o processo de publicação dos originais.

3 A doação do material tipográfico d'O Gráfico Amador

A carta de doação do material d'O Gráfico Amador⁹ (figura 1) que se encontra no arquivo da EBAP no Memorial Denis Bernardes, endereçada ao Diretor da Escola, Fernando de Queiroz Menezes, tem duas páginas e data de 26 de julho de 1962, cerca de um semestre após o encerramento das publicações da oficina, que viria a parar de produzir impressos após o mês de novembro de 1961, segundo Lima (2014).

⁵ Estante 2 - Livro 189 - Atas de congregação dos anos de 1954 até 1960, p.85-86; Listagem *Professores que lecionaram em 1961* localizado na caixa 4 (Relatórios - Atividades da Escola de Belas Artes 1959 a 1961 - 1953 a 1958, Atividades Fac. Arquitetura 1959, Assembléia Geral Universitária 1959)

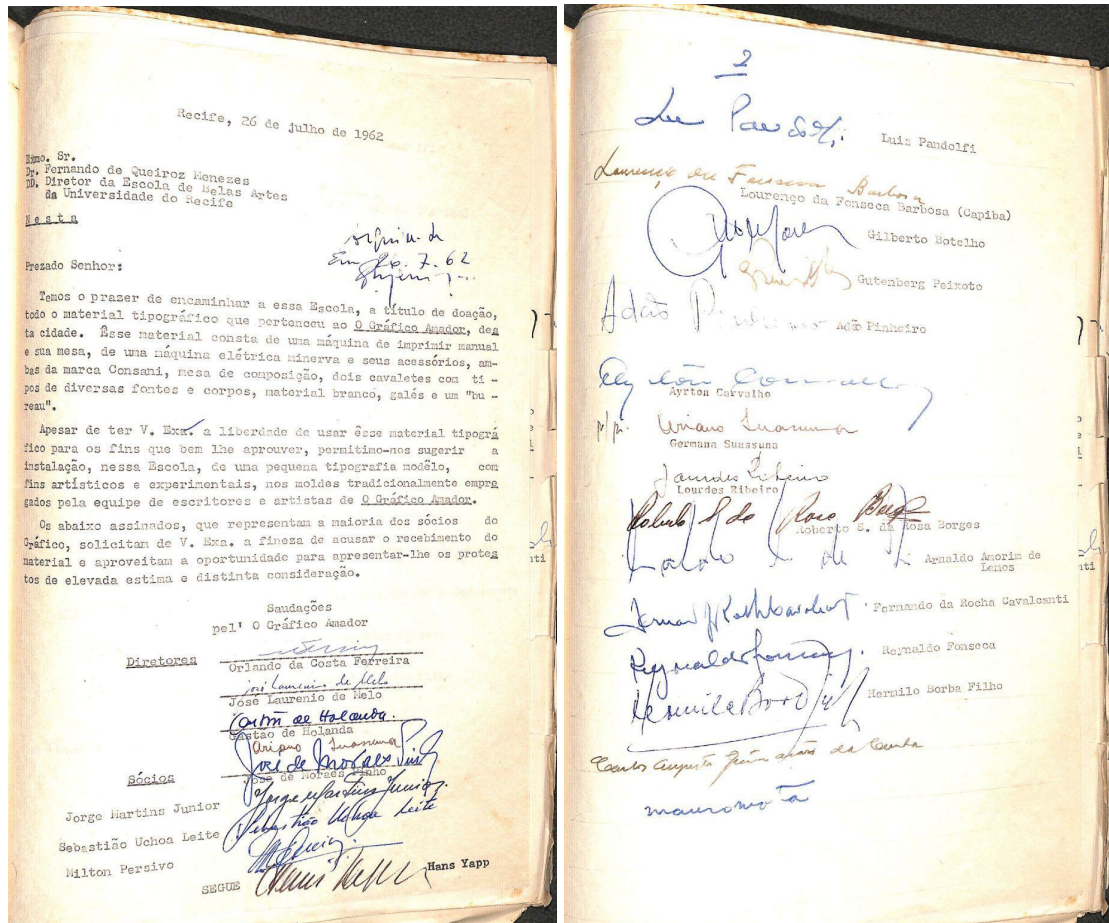
⁶ Estante 2 - Livro 189 - Atas de congregação dos anos de 1954 até 1960, p.85-86

⁷ Durante a pesquisa, foram consultados os seguintes compilados de documentos de posse presentes no MDB: Termos de posse de professores catedráticos e internos 1942-1963 (Estante 2 - Livro 129) e Termo de posse dos professores contratados 1956-1959 (Estante 2 - Livro 131).

⁸ Ofício nº 2859 localizado na caixa 5 (Correspondências recebidas - 1959 a 1964) da Escola de Belas Artes

⁹ Localizado na caixa 5 (Correspondências recebidas - 1959 a 1964) da Escola de Belas Artes

Figura 1: Carta de doação do material tipográfico d'O Gráfico Amador para a EBAP. Fonte: Memorial Denis Bernardes.



Sobre o fim do grupo e a decisão da doação para a EBAP, Aroucha (1998) comenta que:

Após a dissolução do Gráfico Amador, todo material tipográfico ficou parado por um bom tempo. Gastão, que era professor da Universidade Federal de Pernambuco, resolveu, em conjunto com alguns ex-componentes do Gráfico, doar o material tipográfico, sob a condição de se fazer, na Escola de Belas Artes de Pernambuco, um curso de Artes Gráficas para dar finalidade ao material. (Aroucha, 1998, p. 122)

Com base no histórico explanado anteriormente e neste excerto acima, há a noção de que Gastão já lecionava na EBAP durante a doação do material e que ele capitaneou este processo – possivelmente considerando o uso profissional/institucional do material por ele na Escola. Essa ideia é reforçada pela própria carta, que detalha a condição apontada por Aroucha (1998), esclarecendo que na verdade os integrantes d'O Gráfico Amador que assinam o documento sugerem “a instalação, nessa Escola, de uma pequena tipografia modelo, com fins artísticos e experimentais, nos moldes tradicionalmente empregados pela equipe de escritores e artistas de O Gráfico Amador.” (grifo no original). Em um primeiro momento, ao menos, o curso livre de Artes Gráficas ainda não é mencionado, nem justificado como motivo da doação.

O documento sugere que o material d'O Gráfico foi encaminhado no mesmo dia, entretanto, ainda não achamos referências a ele na pasta “Inventário - Material Permanente”¹⁰ da EPAB ou

¹⁰ Estante 2 - Livro 104, com documentos dos seguintes anos: 1959-1964 /1962-1975/1988-1989.

em demais livros e caixas pesquisadas. Essa ausência nos levou a imaginar um possível atraso devido à morosidade de processos como esses na instituição, baseado em nossas vivências no âmbito universitário federal, o que talvez tenha adiado a chegada, registro e/ou instalação do equipamento. Quase um ano após a doação, a matéria *Gastão de Holanda na EBA: Arte Gráfica merece amor e dedicação*, de 21 de junho de 1963, ao informar sobre uma conferência de Gastão no dia anterior sobre o campo e futuro curso de Artes Gráficas, comenta “que já se encontram instaladas as antigas máquinas do ‘Gráfico Amador’” (Última hora, 21/06/1963, p2). Será que a conferência, promovida pelo presidente do Diretório Acadêmico da Escola, Plínio Telmo, não teria sido motivada após a instalação do maquinário doado?

Ao que tudo indica, a carta é uma formalidade que não revela tudo o que estava por detrás da doação, a Universidade do Recife já devia estar igualmente interessada em formar profissionais para trabalhar no setor gráfico, conforme comentário do *Diário da Manhã* (29/03/1965, p.7) sobre a importância do concorrido curso de Artes Gráficas, que abordaremos a seguir.

No que concerne às assinaturas presentes, a carta é encabeçada pelos diretores Orlando, José Laurenio e Gastão – Aloísio já havia migrado para o Rio de Janeiro – seguida por outros 21 sócios que figuram em sua quase totalidade na segunda lista oficial divulgada pelo grupo no Noticiário nº 2, com 51 membros, publicada em 31 de maio de 1961 (Lima, 2014), poucos meses antes do encerramento das atividades: Adão Pinheiro, Ariano Suassuna, Arnaldo Amorim de Lemos, Ayrton Carvalho, Carlos Augusto Guimarães da Cunha, Fernando da Rocha Cavalcanti, Germana Suassuna (por Ariano)¹¹, Gilberto Botelho, Gutenberg Peixoto, Hans Yapp, Hermilo Borba Filho, José Martins Junior¹², José de Moraes Pinho, Lourenço da Fonseca Barbosa (Capiba), Luiz Pandolfi, Lourdes Ribeiro, Mauro Mota, Milton Persivo, Reynaldo Fonseca, Roberto S. da Rosa Borges e Sebastião Uchoa Leite.

O documento, que poderia elucidar a totalidade dos sócios no fim do período do grupo, informa que os assinantes representam a maioria da sociedade. Como sabemos por Lima (2014) que alguns sócios não residiam em Pernambuco, resta-nos, portanto, conjecturar que este quantitativo deve representar quase todos que estavam por perto e questionar se a sociedade diminuiu consideravelmente, chegando a um número próximo dos 30 sócios do início das atividades.

Ademais, a carta descreve todo o material doado, que se trata de uma impressora manual e sua mesa, uma impressora minerva e seus acessórios – ambas da marca Consani –, uma mesa de composição, dois cavaletes com tipos de corpos e famílias variadas, material em branco, galés e uma escrivaninha (bureau). Atualmente no LPG encontram-se apenas as impressoras, seus acessórios, o material de composição tipográfico (tipos, material em branco,

¹¹ Parece-nos pela disposição dos nomes datilografados ao lado das assinaturas dos sócios, em contraposição ao posicionamento planejado dos diretores, com linhas pontilhadas e nome abaixo, que as assinaturas foram sendo coletadas pouco a pouco ou numa mesma reunião sem o conhecimento prévio da presença dos participantes. Ariano Suassuna assinou, provavelmente, entre os últimos num espaço apertado na primeira página, visto que Germana Suassuna subscreve por ele num primeiro momento.

¹² Único membro da sociedade que aparece no Noticiário nº1, de 1955 (Lima, 2014).

galés, etc.) e o bureau; as muitas cheias e mudanças citadas por Lima (2014) devem ter dificultado a preservação dos demais móveis de madeira. Em seu lugar, os tipos e materiais tipográficos estão alocados em novos mobiliários feitos sob medida nos últimos 15 anos.

4 O curso livre de Artes Gráficas

Os cursos livres da Escola de Belas Artes, segundo Ferreira (2015), iniciaram em 1932, ensinando desenho e depois se desdobrando para outros assuntos, como teatro, pintura, música e artes gráficas. Eles foram idealizados por Murillo La Greca (Câmara, 1984) e eram destinados para o público em geral, sem necessidade de filiação a outro curso oficial da escola.

Sobre o curso que nos interessa, Aroucha (1998) informa que

teve início em 17 de outubro de 1964, funcionando em caráter experimental. Nos anos que se sucederam o Curso de Artes Gráficas e Percepção Visual passou a ser dirigido apenas por Gastão de Holanda. A intenção do curso era ativar ainda mais suas atividades, pois contava com atelier especializado de gravura em metal e litografia. Ensina-se ainda neste curso, aulas teóricas sobre problemas de comunicação moderna, programação visual e layout de cartazes para publicidade. As aulas se dividiram basicamente em teóricas de História da Arte e práticas, com o material tipográfico. As técnicas de impressão ensinadas no curso englobava tipografia, linotipo e composições manuais. No decorrer do curso os alunos aprendiam a desenvolver cartazes, impressos, logotipo, etc. (Aroucha, 1998, p.122-123)

Até o presente momento, ainda não encontramos registros oficiais sobre o curso de Artes Gráficas no MDB nos documentos do período 1962–1964 pesquisados, cuja estratégia partiu da data da carta de doação e do trecho acima. Por outro lado, o depoimento de Neide Câmara (2023) e Cecília Jucá (Contreiras, 2019), em conjunto com matérias de jornais locais, apontaram reflexões interessantes acerca do perfil de Gastão como professor e seu interesse pedagógico com a Tipografia.

Em 1963, na conferência supracitada, Gastão declarou:

belos trabalhos conseguidos [com O Gráfico Amador] com material precário (máquinas rudimentares, quase nenhuma fonte de tipo) o que prova, segundo ressaltou o conferencista, que a verdadeira Arte pode romper quaisquer barreiras, dependendo de esforço e do poder criador. Incentivou os futuros alunos do curso de Artes Gráficas, que funcionará na Escola de Belas Artes, (...) a se empenharem 'com amor e dedicação ao trabalho'. (Última hora, 21/06/1963, p.2)

O jornal *Última hora* (16/03/1964, p.8) anuncia em março de 1964, entretanto, que “a partir de abril, a Escola de Belas Artes vai oferecer dois novos cursos em seu currículo: serão os de Artes Gráficas e Cerâmica. O primeiro terá a direção do romancista Gastão de Holanda”. Ao que tudo indica, o curso que provavelmente vinha sendo planejado desde a doação do material, em 1962, deve ter tido versões iniciais apenas dois anos depois. Se o curso iniciou experimentalmente em abril e/ou outubro de 1964, como sugerem a nota do *Última hora* (16/03/1964, p.8) e Aroucha (1998), é provável que a documentação preservada seja escassa, tampouco sabemos se se trata do curso livre mencionado por Lima (2014).

Em uma ata da sessão do curso de Teatro da EBAP¹³, de 22 de dezembro de 1964, acerca da substituição temporária do professor Joel Pontes, é citada a impossibilidade da indicação do nome de Gastão “uma vez que o mesmo passou para o **Departamento de Artes Gráficas**”¹⁴ (grifo nosso). O correto motivo, entretanto, foi retificado em uma sessão posterior, do dia 24 de março de 1965, em que o nome de Gastão é indicado e logo desconsiderado para a substituição “uma vez que o mesmo não reside aqui e sim em Campina Grande”¹⁵. Tal noção é corroborada por Cecília Jucá: “mesmo com o fechamento político e ideológico, Gastão era muito bom professor e tinha um reitor que bancou ele permanecer. Gastão foi punido em 64, mandado para Paraíba para Campina Grande” (Contreiras, 2019, p. 153). A troca de cidade não deve ter durado muito tempo visto que o *Diário da Manhã* (29/03/1965, p.7) comenta do sucesso do curso de Artes Gráficas, de Gastão, em março do ano seguinte, sugerindo uma grande concorrência para atendê-lo, e ressaltando que o mesmo renova a atuação da Escola ao fomentar a formação de profissionais da área em questão.

Em 1965, professores da EBAP se reuniram com o Departamento de Extensão e Cultura da Universidade do Recife para discutirem a abertura de cursos extra-universitários de pintura, gravura, artes gráficas, entre outros. O curso de Artes Gráficas, que ficaria a cargo de Gastão de Holanda e Vicente do Rêgo Monteiro, tinha, inclusive, uma importância “especialmente agora quando a Universidade do Recife assume responsabilidade no setor editorial”¹⁶ (Diário de Pernambuco, 21/07/1965, p.6). Seria este curso extra-universitário de Artes Gráficas diferente das versões concorridas citadas pelo *Diário da Manhã*?

É possível que se trate de cursos com características diferentes, e este que estava sendo planejado com o Departamento de Extensão e Cultura seja o curso livre de maior conteúdo. Em 1967, por exemplo, o *Diário de Pernambuco* (05/03/1967, p.6) anuncia com certo destaque que “o professor Gastão de Holanda proferirá amanhã [06/03/1967] a primeira aula do Curso de Artes Gráficas, promovido pela Associação Pernambucana de Bibliotecários e Escola de Belas Artes”, indicando, assim, uma importância da abertura das aulas. Um ano depois, o mesmo jornal apresenta uma nota sobre o curso de Artes Gráficas de março a junho, comentando que o antigo *gráfico amador* era o diretor, e que ele “informou que os candidatos serão submetidos a ‘um teste seletivo de composição tipográfica. levando-se em conta não a técnica tipográfica profundamente dita, **mas a sensibilidade artística do candidato**’.” (Diário de Pernambuco, 25/02/1968, p.12, grifo nosso). Alguns meses depois o mesmo periódico informa que:

encontra-se em plena atividade a Oficina de Artes Gráficas da Escola de Artes da UFPE, sob a direção do professor Gastão de Holanda. A oficina, que é integrada por alunos daquele estabelecimento, patrocina, a partir do próximo ano, cursos semestrais de Artes Gráficas segundo

¹³ Atas do Departamento de Teatro, 1963-1966, p.35 (Estante 2 - Livro 145).

¹⁴ Nomear um Departamento de Artes Gráficas na Escola desde o primeiro momento não nos pareceu um erro sem fundamento visto o interesse de Gastão na área, comentários sobre o curso nos jornais e, possivelmente, a existência de Departamento similar alguns anos depois. O *Diário de Pernambuco* (30/11/1968, p.5) na matéria que trata de um concurso de programação visual dos Distritos Industriais de Pernambuco S/A (DIPER) informa que Gastão, “responsável pelo Departamento Gráfico da Escola de Belas Artes (...)”, integra a comissão julgadora.

¹⁵ Atas do Departamento de Teatro, 1963-1966, p.38 (Estante 2 - Livro 145).

¹⁶ Essa data coincide com o ano de uma portaria que institui um conselho deliberativo editorial da Imprensa Universitária formado por três profissionais de áreas diferentes. Segundo Fernandes (2019), o órgão vinha sofrendo pressões externas para não competir com o setor privado.

informação do diretor do Departamento Cultural universitário Pedro Roberto. (Diário de Pernambuco, 01/10/1968, p.3)

Parece-nos que o desejo dos *gráficos amadores* em criar uma oficina artística e experimental para os estudantes tardou, mas finalmente se tornou realidade, com as aulas acontecendo num ambiente com os alunos em volta de uma grande mesa e material tipográfico ao lado, conforme comentário de Neide Câmara (2023), que frequentou o curso em 1969. A indicação de que Gastão estava interessado especialmente em seu uso artístico (por meio do perfil do candidato mencionado acima) do que no uso técnico e comercial pode ser compreendida também pela fala de Neide Câmara (2023) que ficava fascinada com as aulas porque “não era só a letra, não era só a máquina”, ele abordava também movimentos artísticos e culturais que marcaram a história da arte. A ex-aluna nos falou que fez um cartaz tipográfico em homenagem às artes gráficas.

A pequena Tipografia doada à Escola de Belas Artes – Neide Câmara (2023) enfatizou em sua fala que não era exatamente uma oficina tipográfica – também produziu notórios trabalhos dos estudantes no período de Gastão de Holanda. Cecília Jucá (Contreiras, 2019) pontuou que Gastão era um professor criativo e desafiador, instigando os alunos a fazerem coisas novas e consequentemente chamando a atenção para a sua atividade em um ambiente formado à época por professores com mentalidade acadêmica mais conservadora. No livro *1ª Paca* (1970), projetado e produzido por Gastão e Cecília na Tipografia da EBAP, o pé da ainda aluna de Artes Gráficas foi entintado por Gastão e posteriormente pisado nas páginas¹⁷. Segundo Cecília Jucá, “era um espanto, né! Mas os alunos adoravam, né, porque era muito informal. Mas muito exigente, Gastão era muito exigente.” (Contreiras, 2019, p.153)

Como o curso livre de Artes Gráficas¹⁸ é considerado o precursor do Bacharelado em Comunicação Visual da UFPE (Aroucha, 1998; Lima, 2014), iniciado em 1972, não é demais afirmar que a tradição que a área gráfica tem até os dias atuais na instituição começa bem antes com os livros artesanais e demais impressos dos *gráficos amadores* e, em seguida, com os trabalhos experimentais produzidos com *amor e dedicação* pelos estudantes dos cursos de Artes Gráficas da Escola de Belas Artes, assim como os trabalhos comerciais dos professores, mas isso é assunto para textos futuros.

¹⁷ Para uma análise aprofundada do livro ver a dissertação de Contreiras (2019).

¹⁸ É importante comentar que em atas de congregação gerais da EBAP da época, a expressão “Artes Gráficas” também é citada em outros contextos. No Livro nº 55.01 - Atas de Congregação dos anos de: 1963 até 1970, na reunião do dia 30 de setembro de 1964, durante uma discussão para organizar e distribuir disciplinas dos cursos de Pintura, Escultura e Professorado de Desenho, “Artes Gráficas” é denominado como uma das disciplinas autônomas desses cursos, seguindo uma indicação do professor Laerte Baldini. Há a seguir, na mesma ata, uma discussão sobre as possibilidades de cada disciplina em determinados departamentos, onde é exposta uma listagem de reformulação dos departamentos da EBAP, apresentando “Artes Gráficas” como uma disciplina atrelada ao Departamento de Expressão Gráfica. Em outra ata, datada do dia 17 de novembro de 1965, “Artes Gráficas” é citada juntamente com Desenho Publicitário e Fotografia como disciplinas optativas da 4ª série, também atreladas aos cursos de Pintura, Escultura e Professorado de Desenho. Essas menções dão a noção de que o ensino das Artes Gráficas na EBAP durante essa época não existiu apenas com um curso livre, mas também como disciplina pertencente ao arcabouço de cursos específicos e de um departamento específico. Como a Tipografia d'O Gráfico deve ter ficado vinculada à atuação de Gastão de Holanda durante esse período, é pouco provável que essas disciplinas fossem realizadas com o material doado.

5 Considerações finais

Vivenciando os sabores (Farge, 2022) e dissabores de pesquisar em arquivos, relatamos neste artigo as primeiras impressões sobre a Tipografia d'O Gráfico Amador doada à Escola de Belas Artes de Pernambuco em 1962. Após a dissolução do grupo, Orlando da Costa Ferreira, José Laurenio de Melo e Gastão de Holanda, com ausência do então residente no Rio de Janeiro Aloísio Magalhães – os conhecidos *mãos-suças* da sociedade que publicou importantes livros artesanais em Recife na década de 1950 – encabeçaram as assinaturas de uma carta que formaliza a doação. O documento, que até o presente momento é o único registro oficial do material tipográfico que encontramos da Escola, foi interpretado, principalmente, em conjunto com matérias de jornais locais e depoimentos de ex-alunas do curso livre de Artes Gráficas, ministrado por Gastão, de maneira que confirmamos a realização do desejo dos *gráficos amadores*, que combinava com a necessidade da Universidade do Recife de formar profissionais da área, na continuação de seu uso artístico e experimental pelos estudantes. Por outro lado, algumas lacunas ainda ficaram sem respostas concretas, por exemplo, a data de chegada do material na Escola e mais detalhes sobre os cursos de Artes Gráficas, que almejamos compreender com o prosseguimento da pesquisa.

Os resultados apresentados, mesmo que preliminares, contribuem para as pesquisas sobre O Gráfico Amador e também para o entendimento do ensino formal da área de Programação Visual na UFPE, talvez única instituição do país cujo bacharelado tenha derivado diretamente de uma Tipografia que imprimiu publicações relevantes para a história do design gráfico brasileiro.

Agradecimento

Aos funcionários do Memorial Denis Bernardes, especialmente, Tony Macedo.

Referências

- Aragão, I. R. (2010). Os tipos móveis de metal da Editora UFPE: apontamentos e descobertas. In: 9 P&D 2010, 2010, São Paulo. *Anais do 9 Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. São Paulo: PPG em Design | Universidade Anhembi Morumbi, AEND-Brasil.
- Aroucha, E. (1998). Gastão de Holanda. In: *Pernambuco Design Salão 98*. Recife: Programa Pernambuco Design, APD/PE, MAMAM.
- Bragança, Aníbal (2002). *Por que foi, mesmo, revolucionária a invenção da tipografia? O editor-impressor e a construção do mundo moderno*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador.
- Câmara, Aurora Christina Dornellas (org). (1984). *A Escola de Belas Artes de Pernambuco: contribuição para a cultura pernambucana*. Recife: [s.n.].

Câmara, N. (2023). Neide Câmara: ex-aluna do curso de Artes Gráficas e ex-estagiária da Mini Graf: depoimento [17 mai. 2023]. Entrevistadora: Isabella Aragão. Recife, 2023. 1 arquivo m4a (50 min.).

Cepe - Companhia Editora de Pernambuco (n.d.). Autores: Gastão de Holanda. Disponível em <https://editora.cepe.com.br/autor/gastao-de-holanda>

Contreiras, J. (2019). *Experimentação gráfica em projetos de livros artesanais*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Creni, G. (2013). *Editores Artesanais Brasileiros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.

Farge, A. (2022). *O sabor do arquivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Ferreira, N. F. dos S. (2015). *O ensino do desenho na Escola de Belas Artes de Pernambuco (1932 a 1946)*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Fernandes, D. C. de C. (2019). *Imprensa da Universidade do Recife (1955-1972): uma história contada através de seus livros, práticas e agentes*. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Lima, G. C. (2014). *O gráfico amador: as origens da moderna tipografia brasileira*. Rio de Janeiro: Verso Editora.

Teixeira, F. W. (2016). *O Movimento e a Linha: Presença do teatro do estudante e do gráfico amador no Recife (1946-1964)*. Recife: Editora UFPE.

Sobre o/as autora/es

Isabella Ribeiro Aragão, Dra., Universidade Federal de Pernambuco, Brasil,
<isabella.ufpe@ufpe.br>

Kelvyn N. da Silva, graduando, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
<kelvyn.nunes@ufpe.br>